

O artesão-educador que [des]acredita no [re]começo: entrevista com Carlos Skliar

Conduzida pela doutoranda Patrícia Giuriatti e pela egressa Ms. Sarai Sánchez de León Fernández, com a presença e orientação da professora Dra. Carla Beatris Valentini

DOI:10.18226/21784612.v30.e025005

Patrícia Giuriatti¹

Sarai Sánchez de León Fernández²

Carlos Bernardo Skliar³

Todo es fértil, pero todo está arrasado.

Aquí no hay paradoja.

Quizá porque siempre ha sido de este modo, así de contradictorio entre la tragedia y la belleza: cuidado y descuido, amor e indiferencia, soledad y multitud,

aire puro y aire envenenado, la ancestralidad y la novedad.

El mundo no se expresa sólo en esta paradoja

Sino en un vaivén tembloroso de matices.

No, no hay paradoja:

Hay que reescribir lo escrito, releer lo leído, repensar lo pensado,

hacer lugar a la duda, dar cuenta de las urgencias.

Mientras respiramos.

Y esto querrá decir: mientras narramos.

(Skliar, 2025⁴)

¹ Psicopedagoga e professora no Ensino Superior. Mestre e Doutoranda em Educação pelo PP-GEdu – UCS pela linha de pesquisa Processos Educativos, Linguagem e Tecnologia. Área de interesse: Inclusão; Infância; Aprendizagem; Psicopedagogia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1977865657606728>. <https://orcid.org/0000-0001-8471-3101>. E-mail: pgiuriat@ucs.br

² Psicóloga e professora no Ensino Superior. Mestre em Educação pelo PPGedu-UCS. <http://lattes.cnpq.br/5213626967148028>. <https://orcid.org/0009-0009-2953-5408>. E-mail: sslfernandez@ucs.br

³ Educador e escritor. Pesquisador sênior do Instituto de Pesquisa Social da América Latina na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e do Tecnológicas da Argentina (CONICET). Foi pesquisador visitante em diversas universidades da América Latina e Europa. É membro do conselho de diretores do PEN (Poetas, Ensaístas, Narradores) da Argentina. Suas obras transitam nas fronteiras da filosofia, literatura e educação, em forma de livros e artigos científicos. skliar@flacso.org.ar; <https://orcid.org/0000-0002-6360-6259>

⁴ Escrito de Carlos Skliar partilhado no Seminário de Tópicos Especiais: Artesanias no Educar em Tempos de (Re)começos, registrado pela doutoranda

É verão no hemisfério sul. As folhas das árvores balançam com o ar, que insiste em movimentar as coisas no nosso entorno. Faltam sete dias para o início do outono, e a paisagem já não é a mesma: a ciclicidade da natureza faz surgir, diante de nós, outras nuances. Nessa atmosfera de transição entre estações, os matizes existentes na natureza ficam ainda mais perceptíveis. Na fronteira entre o fim e o começo de uma estação, seguimos o movimento da vida, em um período de dias quentes e ensolarados que nos convidam a andarilhar de peito aberto pelos (re)cantos da Universidade de Caxias do Sul. Para sermos mais precisas no espaço-tempo, março de 2025, na ocasião do I Congresso Internacional de Educação Básica e III Encontro de Licenciaturas. Momento singular para discentes, docentes e pesquisadores que se colocam no movimento de estudo. Para nós, uma oportunidade para (re)encontrar Carlos Skliar⁵, educador e escritor argentino. Além de escritor, Skliar é o investigador principal do Instituto de Investigaciones Sociales de América Latina e da área de educação da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales/Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas da Argentina.

Diferença. Alteridade. Linguagem. Escrita. Leitura. Educar. Poética. Vida e viver. Acreditar e desacreditar. Nascer e renascer. Começar e recomeçar. Narrar, pensar e escrever este mundo, (co) existindo e (con)vivendo neste (mesmo) mundo. Skliar não se apresenta como um poeta, contudo, sua escrita, a exemplo da epígrafe de abertura deste texto, é impregnada de uma estética e poética que nos convidam a (re)pensar nossos gestos com e no mundo, desde o lugar de abertura e disponibilidade para a conversa que funda o encontro. A escolha do poema foi um reverberar de uma das coisas que passaram a nos habitar após a nossa despedida do educador. O que aprendemos com ele ficou em nós.

São muitos os caminhos que se abrem diante de nós a partir da existência e presença de Carlos Skliar. Uma presença que, por vezes, chega por meio de palavras escritas que nos tocam em algum lugar do nosso corpo. Outras vezes, uma presença corporificada que nos conduz a outros lugares, instigando-nos a silenciar e olhar para cima, a nos mover e olhar para baixo e andarilhar na busca de

⁵ Carlos Skliar esteve na Universidade de Caxias do Sul, em 2017. Na ocasião, as condutoras desta entrevista cursavam o mestrado em Educação.

alguém que queira compartilhar olhares, percepções, pensamentos, quiçá nuances diferenciadas de um mesmo fenômeno da vida cotidiana. Convida-nos a escrever, como quem conta (com o outro) e narra o vivido. O professor-artesão (nos) ensina sobre fazermos algo juntos.

Figura 01 – Flanâncias pelo bosque da UCS



Fonte: Acervo da doutoranda.

Somos todos humanos, somos todos (des)iguais. Na singularidade de cada vida, existimos na diferença, ainda que nossos pés pisem o mesmo chão. Nesse sentido, o professor-artesão cria condições de encontro que nos inspiram a (re)começar. A partir do pensamento de que todo nascimento primeiro (biológico) é desigual, Skliar nos faz pensar sobre o educar como uma “artesanaria” e uma possibilidade de construir novos (re)começos, com a força de nascimentos simbólicos. Dessa forma, educadores que (des)acreditam podem, ou não, ter a chance de mudar destinos.

Inspiradas pela sua obra e provocadas pela temática do congresso e do seminário ministrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, consideramos o instante da entrevista um espaço-tempo favorável para a conversação, assumindo, como fio condutor de diálogo, a docência como uma artesanaria, afinal, nosso

ofício é o ensino. A palavra-verbo que nos move é “ensinar”: ensinar para/em um mundo em que amor e ódio, cuidado e indiferença, violência e proteção, preservação e destruição coexistem em diferentes escalas e geografias que constituem o humano.

Confessamos a você, leitor(a), que o nosso feito não foi uma entrevista, pois isso significaria aprisionar-nos em perguntas e respostas acabadas em si mesmas. Em vez disso, versamos juntas com Skliar, em uma polifonia de vozes, tecendo uma conversa que não buscou respostas, contudo, acordou perguntas, pensamentos, partilhas e reflexões. Nesse tecido, fiamos sentidos a partir de alguns pontos de interesse comuns. Falamos sobre o ofício da docência, dos nascimentos simbólicos que o professor pode gerar para ultrapassar os limites do nascimento biológico a fim de chegar ao lugar do biográfico, que abre o território do jogo narrativo, e também refletimos sobre os equívocos que ainda assombram o tema da inclusão.

Falamos sobre o papel da literatura, considerando-a um bem incompressível (Candido, 2011), ou seja, o qual está no campo das necessidades básicas, como comida, casa, saúde etc., para chegarmos ao diálogo acerca da narrativa ficcional como uma possibilidade de ampliar o real para lugares (destinos) não imaginados e, então, construirmos, social e culturalmente, uma ideia de diferença compreendida como uma virtude.

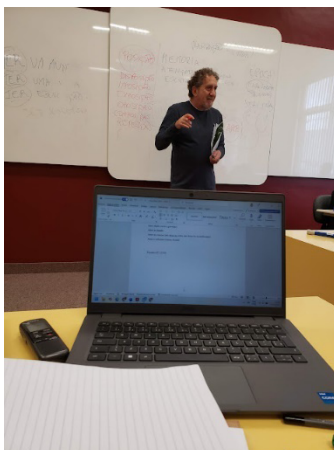
Dedicamos um tempo para pensarmos a poética da vida e do viver, a qual cria brechas no espaço-tempo a fim de refletirmos sobre o ato educativo, mesmo sabendo de que a diferença no discurso pedagógico, por vezes, é traduzida (ou reduzida) por (à) inclusão. Então, fomos tecendo os acabamentos temporários da conversa, cientes de que seguimos falando sobre incluir, porque ainda vivemos, infelizmente, lógicas de exclusão. Os pés da humanidade ainda pisam em chãos desiguais, no entanto, o gesto generoso e comunitário pode ser uma pista para pensarmos uma educação para todos. Nas palavras de Skliar: “a inclusão é muito mais uma decisão coletiva, do que uma ação individual”.

A escrita deste texto ocorreu ao fim da estação do inverno, momento em que as escritas se colocam em dormência para o seu burilamento. Agora, frente à chegada da estação das flores, sentimos

que a esperança de novas brotações nos levam ao momento de narrar.

Durante as aulas do seminário, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Skliar nos fez pensar sobre a nossa capacidade de memória, atenção e escuta, capacidades que implicam uma narração. Para ele, a narração envolve características de um tempo histórico em articulação com a posição⁶ que ocupamos ao narrar.

Figura 02 – Matizes do gesto de narrar



Fonte: Acervo da doutoranda.

Entendemos ser relevante justificar que, nessa entrevista, optamos por uma escrita narrativa, a fim de mantermos a coerência com a posição que assumimos nesse percurso poético de aprendizagem ao lado de Skliar. O texto que você lê é uma composição de nuances reveladoras da nossa disposição para criar algo juntos. De fato, uma criação liberta do utilitarismo, do acúmulo de informação ou de um mero capacitismo. Por isso, ao invés de um texto em forma de pergunta e resposta, como convencionalmente encontramos no gênero entrevista, tecemos um texto polifônico em que a voz⁷ do Skliar é expressa como notações⁸ que nos convidam a

⁶ No quadro branco, na Figura 02, estão algumas palavras que ele registrou explorando quais posições ocupamos ao criarmos uma narração.

⁷ As falas de Carlos Skliar, para melhor identificação, serão escritas em *itálico*.

⁸ A palavra “notação” guarda em si os sentidos de “notar”, ou seja, observar, reparar, perceber, mas também entendemos que se associa a inscrição, marca, registro, sinais ou notas. Esse termo tem

escrivenções⁹. Esses termos, juntos, proporcionam uma composição daquilo que outrora foi uma entrevista.

Son infinitas las apariencias del mundo, como nudos dispersos de un gigantesco árbol a los que amarrarse sin tener porqué limitarse a su corteza más áspera, más infame: el cielo siempre plomizo, el triunfo de las bestias, el barullo de los que vociferan para disimular sus patrañas, la miseria escondida debajo de la avaricia. El mundo no es únicamente lo que parece estar siendo: también hubo y hay aquello que llamamos amar, jugar, hacer poesía, demorar el tiempo, estar entre la gente, buscar cobijo, danzar, pensar, narrar, hacer que todos puedan poder lo imposible. La vida sigue siendo un instante que conmueve y sigue cuando no se trata solo de la desesperación por salir a superficie y respirar este aire impuro de una tierra que agoniza.¹⁰

O mundo, como bem narra Skliar (2025), é, também, o que acontece no espaço de intimidade, naquilo que não colocamos no texto-palavra e, por sorte, capturamos no texto-imagem, traduzindo-se naquilo que nomeamos como riso, abraço, brincadeira e afeto, que surgem entre uma fala e outra. Sentamos lado a lado, degustamos a presença e a alegria de estarmos bem acompanhadas na artesanania do educar – técnica que é sempre um gerúndio: educando, ensinando.

inspiração nos escritos de Edith Derdyk (2024).

⁹ “Escrivenção” ou “escrivenções” foi uma expressão que surgiu em 2024, como ato criador de uma criança de quatro anos, que escutava sua mãe em uma reunião de orientação de doutorado e que entendeu que todo gesto de escrita é, também, um gesto de invenção no mundo.

¹⁰ Excerto do texto “La artesanía del recomienzo (narrar, pensar y escribir en este mundo)”, utilizado no seminário ministrado por Carlos Skliar. Optamos por deixá-lo na língua original, para marcar esse lugar da diferença que multiplica e abre caminhos.

Figura 03 – Educar é falar para os lados



Fonte: Acervo da doutoranda.

Carlos, somos artesãs de recomeços junto com você. Acreditamos que todo educador é um educador de linguagem, por isso, faz muito sentido para nós o que você diz sobre a linguagem narrativa, o fato de ela ser parte do nosso ofício, sobretudo como você sugere: contar com o outro. Esperançamos uma conversa que nos coloque em relação com o conhecimento, para que as palavras façam morada em nós, indo além de nós mesmas. Pensamos alguns pontos, alguns enlaces para tecermos o diálogo, contudo, não nos fechamos neles, ao contrário, colocamo-nos no entre, naquele lugar que surge do encontro entre o que pensamos e o que você narra agora, abrindo um espaço para deixar surgir o [im]pensado.

Há um elemento nas suas narrativas, nos seus (re)começos, que mudou, a exemplo do que líamos no livro *Pedagogia da Diferença* e da sua fala de agora. Nela, entendemos que você transcendeu alguns pontos do discurso da inclusão, sobretudo quando nos disse: *Vamos criar algo juntos, algo comunitário. Não importa muito sobre mim, tampouco sobre você, importa o que podemos fazer juntos.*

Para nós, você é uma referência no tema da (pedagogia da) diferença e, conseqüentemente, da inclusão. Parece-nos que você transcendeu o assunto, porém, no cotidiano da escola, as pessoas não transcenderam. Então, como (re)começar com pessoas que ainda não chegaram a esse ponto?

Algumas pessoas não chegaram ou não sentem necessidade de começar nada? Talvez eu tenha envelhecido. (Pausa). Quando eu me escuto falar como meu pai, eu não queria chegar neste momento, de desprezar o mundo ou de sentir que já não faço parte ou que não entendo, mas todo tempo tem coisas que permitem uma reconciliação com o mundo. Pode ser um encontro, um filme, um livro, um amor, sempre tem uma possibilidade de voltar ao mundo de uma forma espetacular.

É verdade que talvez exista uma defasagem ou que eu pretenda ir para além da discussão anterior que eu levei adiante (assim como outras pessoas fizeram) e que aquilo não acabou e que continuamos escutando argumentos sobre “o que eu faço”, “como eu faço”. Penso que é um problema de autonomia, um problema de formação e um problema da vida dos professores. Como falei, também estamos neste mundo e porque vamos pensar que somos diferentes e que conseguimos harmonizar o que o mundo não está harmonizando(?). Esta é uma diferença que temos que fazer. Então, uma das possibilidades é que falemos os outros que não a gente. O que eu quero dizer com isso, é que este discurso da inclusão não pode ficar restrito a quem ou aqueles que ensinam, ou seja, os professores.

Em muitos países do mundo, a questão da inclusão, sobretudo da pessoa com deficiência, já não é uma questão dos professores, passou a ser uma questão da cidadania no geral. Então falam os estudantes, falam os pais, falam as mães, falam todos e não apenas deixar para nós esse problema, porque sozinhos não vamos resolver, nem com a formação que temos, nem com o mundo que temos, que pelo contrário, (o mundo) exclui muito mais do que a gente exclui.

Uma das coisas que temos que fazer ainda é colocar essa questão não a porta fechada, a inclusão não é uma questão que vai resolver a escola. Às vezes, penso que as coisas estão chegando muito tarde frente às desigualdades iniciais. Não é que seja tarde demais, é que temos menos caminhos para recomençar.

Não houve nunca um consenso sobre o que seria formar pessoas para a inclusão. Se você fizer um estudo transversal de todos os projetos para a formação e para a inclusão, encontrará de tudo, desde modelos antigos de educação especial, que continuam existindo e classificando, até situações em que não acontece nada, e que tudo vira uma questão de abrir as portas.

A pergunta pela prática é uma pergunta interessante. Se eu recebo uma pergunta sobre “como eu faço?”,

eu não posso responder. Eu não quero responder para você, porque seria lhe subestimar, seria um exercício de poder sobre o outro o qual eu não quero assumir. O que posso é dizer: vamos conversar! Isso, sim, pois conversar é em comunidade, significa tirar do indivíduo-professor essa responsabilidade de pensar sozinho, pois neste ponto identificamos um problema de gestão, ou seja, da direção que tem que decidir o que a comunidade precisa fazer com isso.

Para mim, fica muito claro quando o tema da inclusão (que não é apenas da pessoa com deficiência, mas também) é uma questão da gestão comunitária ou quando é um problema da sala de aula, e coube ao professor a tarefa de resolver o assunto. Por outro lado, também considero perigoso quando [a inclusão] fica na mão do jurídico, como se fosse apenas um gesto de reclamar por um direito, um apoio individual. Porque se a comunidade não assume como uma questão coletiva, isso fica restrito a uma obrigação e, por vezes, as pessoas fazem sem vontade. É mais complicado do que [eu] imaginava, porque está entre o ético, a gestão, o jurídico, o individual e o coletivo.

Diante disso que vocês percebem que fui mudando, parece-me importante dizer sobre o que eu continuo pensando. Nesse sentido, acredito que devemos nos preocupar sobre o ensino, porque, sobre a aprendizagem do outro, não podemos fazer nada. Estamos agora fazendo algo juntos, e eu não sei o que vai ficar em você. Verdadeiramente eu não sei. Também não sei quanto tempo vai demorar, não sei o que você vai pegar de tudo isso, não sei qual relação com a sua vida particular, não sei se no futuro você vai lembrar: parece que essa obsessão que tivemos com o aprender nos tira a atenção sobre aquilo que é a nossa responsabilidade: o ensinar.

Uma obsessão que podemos associar ao desejo de controle sobre o outro e, por consequência, ao aprender e à aprendizagem. Do ponto de vista da educação formal, esse discurso é muito forte, sobretudo porque se definem pontos de chegada iguais para todos, no entanto, o ponto de partida de cada um é desigual.

Até porque hoje o mundo diz que podemos aprender em qualquer lugar, em qualquer momento e em todas as idades. Então o que tem de particular na universidade ou na escola, se eu posso aprender na rua, na casa, na internet, no museu?

Historicamente, as instituições educativas foram se adaptando e respondendo ao mundo e, talvez, deixaram de pensar, fazer e trazer algo novo para ele.

A compreensão sobre este novo também é motivo para conversa, uma vez que não se trata do novo do futuro, o novo das tecnologias, mas o novo das relações e de como podemos reunir a vida com o mundo. Porque atualmente está sendo ou o mundo ou a vida. Parece aqui um assalto, tiram-nos uma coisa, como se pudéssemos escolher uma ou outra.

Se tivéssemos que pensar em formação, acho que falta imersão. Essa dimensão coletiva que nos convida a fazer a experiência. Para tanto, é necessário parar um pouco de conceitualizar aquelas coisas das quais a gente não tem nenhuma experiência. Primeiro, vamos entrar nos lugares onde a coisa acontece como fonte (sem pré-julgar); podemos, a partir disso, fazer uma releitura da leitura que temos disponível. Isso implica inverteremos a lógica do “vamos saber para depois praticar”.

Dito de outra forma, implica revisitarmos os projetos de formação, no sentido de reescrevê-los, contemplando outras dimensões do humano, as quais não se restringem à apropriação de uma técnica ou de um conhecimento específico. Traçar um percurso formativo que convida a olhar, a sentir, a perceber como gestos inaugurais e, a partir disso, fazer a leitura teórica que nos possibilita a reflexão.

Eu ainda não vi essa formação, do ponto de vista da universidade, por exemplo, a vi pouco ou de vez em quando, em alguma disciplina, mas não como um projeto ao longo do tempo. Atualmente, temos outro fator que influencia na formação que é a ideia de se formar o mais rápido possível. Precisamos pensar sobre quais são as capacidades ou habilidades que temos para desenvolver, enquanto pensamos nisso, a pessoa em formação tem em mente que precisa de emprego. Talvez eu seja nostálgico de uma coisa que nunca aconteceu, que era o que chamávamos de vocação. A essa palavra (vocação) nos referíamos como uma escolha consciente de uma responsabilidade frente a novas gerações. Se você perguntar aos que estão se formando hoje, sobre os sentidos da palavra “vocação”, não sei se a resposta passa por essa definição. Parece-me que algumas pessoas não querem a responsabilidade.

Essa conversa nos faz pensar na (co)existência da terra arrasada e da terra fértil, como metáforas, há pessoas que não querem, não

desejam ou sonham em assumir essa responsabilidade com as novas gerações, do ponto de vista educativo. Contudo, existem aqueles que são e estão comprometidos com a educação.

Quando me deparo com pessoas comprometidas, vejo ou um tipo de heroísmo que eu não gosto, porque está sublinhando o todo tempo uma ideia de que é “graças a mim”. Ou, como ouvimos em algumas situações, um discurso que pauta o fazer educativo associado a fazer por amor, como se a educação e o ensino tenham a ver com o amor, com o coração, com a emoção, e não pode ser, tem que ter outra coisa. E essa outra coisa é o projeto, aquilo que revela o que pensamos sobre isso e guia a ação coletiva, portanto, comunitária. Estou querendo dizer, que tudo bem dizer que há amor, mas ao mesmo tempo, precisamos então reconhecer que o amor também mata, que o amor também é violento, afinal, de qual amor estamos falando?

Essa conversa nos remete à expressão “somos artesãos de recomenços” e parece-nos que a primeira narrativa a ser (re)construída é o gesto de dar as boas-vindas, como nascimento simbólico, àquele que se forma e chega ao ofício de ensinar.

Uma possibilidade de (re)começo é deixar aos professores a responsabilidade de ensinar. Podemos pensar o que significa ensinar em um mundo que todo mundo quer aprender. Eu tiraria o aprender, ou separaria uma coisa da outra. Isso exigiria revoluções teóricas e práticas. Eu, como professor, vou preparar o que tenho para contar, vou estudar a melhor forma de chegar a todo mundo, vou pensar como preparar minha matéria e minha disciplina. Vou fazer isso sabendo que cada um e cada uma vai pegar o que puder e vamos retomar outro dia e contar mais uma vez. É nesse ponto que eu posso chegar, não posso ir para além disso, querendo determinar ou controlar o que você vai aprender.

Todo professor se debruça sobre o que ensina, consciente de que ensinar e aprender não corresponde ao mesmo processo, ou seja, não é ensino-aprendizagem, nem ensinagem. É isso que você nos diz?

Imagina se eu te libero sobre aprender. Eu, como professor, me viro para ter um registro sobre as coisas que acontece, pois também é nossa responsabilidade e, oficialmente, fica entre você e eu. Vou lhe liberar de qualquer coisa, porque me interessa mais trazer o mundo do que você aprenda duas ou três coisinhas imediatamente ou mecanicamente. Isso é generoso também.

Talvez, nesse lugar de encontro e conversa, nasça a autoria como uma possibilidade de narrativa biográfica. Gostamos de pensar o conceito de “literatura” a partir de Antonio Candido (2011), sociólogo e crítico literário brasileiro, pois ele amplia esse entendimento e considera as diferentes linguagens artísticas (teatro, música, poesia, dança) como arte literária. Além disso, desenvolve a ideia de que a literatura é um bem incompressível, ou seja, está no campo das necessidades básicas como comida, casa, saúde etc. Poderíamos ainda pensar na verossimilhança, em Llosa (2004), quando ele fala das verdades da mentira referindo-se ao texto literário, o qual não tem nenhum compromisso com a realidade, contudo, ao inventar histórias é como se narrasse parte ou elementos da vida real. Poderíamos ainda trazer outra voz para esta conversa, a de Bakhtin (2015), na relação entre autor e herói, quando diz que ninguém é herói de si mesmo, pois são os outros que nos conferem os acabamentos provisórios. Em algumas entrevistas e escritos, você menciona a narrativa ficcional como uma possibilidade de multiplicar o real para lugares (destinos) não imaginados, não pensados. Vamos conversar um pouco mais sobre a relação que a educação tem com essa multiplicidade, lembrando de que a pluralidade ainda não é compreendida como uma virtude.

A novela “Del color de la leche”, da dramaturga inglesa Nell Leyshon, publicada em espanhol, narra a história de uma jovem adolescente com deficiência física, que vivia na Inglaterra rural nos anos de 1830. Ela é enviada pra trabalhar como servente para a igreja. O padre alfabetiza ela e, ao mesmo tempo, a violenta. Ela descobre o poder da leitura e da escrita para contar [narrar] a sua própria história e assim encontrar sossego. Então, ela escreve um livro, em forma de relato, na língua em que está se alfabetizando, uma escrita sem maiúscula, sem ponto final, sem pontuação expressiva. No texto, narra o que a escrita lhe trouxe a possibilidade de denunciar o que ela viveu, e ninguém acreditaria. Descobrimos isso na última página do livro, quando ela conta que está presa [não vou contar todo o final].

Em Málaga, uma cidade portuária no sul de Espanha, estão criando um movimento interessante, uma ideia de “querer-la é fazer-la” (em espanhol). Eles escolheram fazer vários documentários, muitos textos escritos para abordar esse tema. Eles não falam, eles colocam a questão no meio (social e cultural) e deixam aberto para todo mundo discutir. Tem livro de testemunho, sobre o injusto,

sobre o desigual, é um material que a gente precisa saber e [se relacionar], não é simplesmente uma técnica e um [re]começo metodológico, é assumir uma perspectiva, uma responsabilidade comunitária e, diria mais, nunca se trata de você. Que você resolva tudo isso [?], já é muito.

Em suas falas, reconhecemos o conceito de “tecnofeudalismo” (há uma obra espanhola, que não foi traduzida ainda para o português¹¹), que é diferente do capitalismo digital. Imaginamos que você acredita nessa perspectiva como sucessora do capitalismo.

Pensando a diferença, não restrita à deficiência, sabemos de que a educação necessita ser pensada para ser valorizada e reconhecida. Nós, como educadores e como indivíduos, ainda mantemos determinados padrões, e, mesmo cientes disso, acabamos produzindo um padrão (de normalidade) dentro de uma curva. Podemos falar sobre o sentimento humano que pode gerar essa ação e que nos leva a ser produtos desse tecnofeudalismo?

Se eu fosse norte-americano, inspirado na obra de Michael Moore, diria o medo, porque a violência nos Estados Unidos e toda a documentação que ele cria, tem o medo como pano de fundo, mas acho que não seria isso a minha explicação. Alguns de nós [humanos] temos uma ideia de que o humano é sempre associado a algo especificamente bom, no entanto, o humano é tudo. Isso porque acreditamos que o mundo é o justo, e não nos indagamos porque seria naturalmente ou espontaneamente “bom”. Então, então ao abrir o jogo deste território narrativo, como um gênero ético que cria uma relação com o outro, quanto narro algo do mundo com relação com a vida, vamos desnaturalizando essa ideia de que humano é [só] aquilo que é bom, porque a competitividade, a carreira, a velocidade em que as coisas acontecem, faz com que o outro seja um inimigo. O racismo também é humano e é muito forte no mundo em que vivemos. Pensamos que tinha acabado, mas estamos bem no meio disso, e vejo que nas redes sociais aparece muito uma política “do gostar e não gostar”, e essa escolha não [nos] permite ver os matizes, nem perguntar pela história [gesto nostálgico de memória]. Essas coisas estão fazendo muito mal [para todos], porque não estamos tendo tempo para conversar, então achamos que temos que tomar uma decisão rápida para tirar isso da nossa frente o quanto antes, e é muito simples as máquinas (tecnologias) se organizarem deste modo para que o mundo se pareça a mim.

¹¹ Tecno-feudalismo: el sigilo sucesor del capitalismo, escrita por Yanis Varoufakis.

Como se não nos déssemos tempo para a narrativa. Relacionamos essa sua fala com os matizes da narrativa apresentadas no seminário em que você nos provocou a pensar acerca da posição que ocupamos ao narrar algo do/neste mundo: *disposição* (estou aberto e disposto a construir algo); *imposição* (impor uma história é diferente de dispor-se a contá-la); *exposição* (quando exponho uma realidade; ou ainda estou exposto ao cheiro, à palavra, ao toque, ao outro); *oposição* (quanto, contra o quê); *composição* (vou compondo e busco não separar); e *reposição* (reponho algo e reconstruo). Entre tantos matizes existentes, você ainda nos disse para pensarmos o enredo (o que narrar?): o *opressivo* (aquilo que dói); a *intimidade* (como Língua do sussurro, do secreto, que não tem rápida tradução, como Clarice Lispector fez em sua obra); a *alteridade* (tudo o que não tenho, o outro); o *ínfimo* (o minúsculo, o pequeno, as coisas que parecem não ser transcendentais, a escrita da fragilidade, do pequeno e do frágil); o *belo* (lindo, o bonito); o *supremo* (o máximo, as grandes coisas); e o *inenarrável* (aquilo que não podemos narrar).

A escola e a universidade são esses locais onde nos encontramos com tudo isso e com tudo aquilo que não se parece comigo. É uma virtude encontrar alguém que não se parece comigo [... suspiros...], é difícil também. É o que me dá possibilidade de me multiplicar, de incorporar esse corpo, incorporar essa fala. E eu falar através de outra pessoa, pensar esse ponto de vista a partir disso que eu nunca pensei, olhar o mundo através da infância, dos velhos, dos surdos, dos jovens, [você, na sua pesquisa] dos autistas. Eles te dão uma forma de olhar que não pode ser esquecida. Então eu não sei...

São as Marias¹² e os Carlos que vão vivendo em nós.

Não sei, às vezes eu recebo mensagem agressivas nas redes sociais por causa das coisas que eu faço ou digo. Não fico revoltado, fico triste. Não sei lidar com isso, gostaria tanto de escrever para essa pessoa, ter um tempo para explicar, para saber por que ela pensa assim. Atualmente, falam muito de discussão entre “memes”. Eu não quero um meme, você não é um meme... Me conte, porque você chegou a pensar isso [?], as pessoas não estão querendo esse tipo de convite. Eu insisto, vamos, não me diga o que pensa ou como tem chegado a isso, como um gesto socrático da verdade, me conte a partir da procura cooperativa da verdade, isso é conversar, não é ter razão. E estamos vivendo uma época em que importa ter

¹² Maria e Carlos foram nomes escolhidos para, simbolicamente, enunciarmos os outros que passam a fazer morada em nós quando nos damos tempo para o encontro.

razão. [...] Conta para mim, como são suas experiências [?]. ... conta para mim, como são suas experiências[?]. ... conte.

O papel da literatura nos vem à mente novamente, porque a ficção acorda em nós a existência de outros mundos. Parece mais fácil contar sobre algo literário do que narrar o mundo. Talvez, ainda estejamos aprendendo o que você mencionou sobre narrar o mundo, no sentido que, ao reconhecer a indeterminação do mundo, reconheço a minha impotência (não saber) como força que nos ajuda a aprender algo. Depois, precisamos lidar com a resistência do mundo, pois ele irá resistir à nossa vontade de transformação. O mundo nos diz que não podemos fazer de qualquer jeito, como você menciona, ele tem uma história e não dá para rapidamente ser esquecida (memória; gesto nostálgico), para então termos um tempo e lugar para estarmos juntos e criarmos o comum, a comunidade (gesto comunitário). E é esta experiência de comunidade que cria a individualidade ao mesmo tempo em que o indivíduo modifica a comunidade.

Em uma disciplina, trabalho a culpabilização do outro para problematizar os motivos que nos levam a explicar o mau funcionamento do mundo pelo outro e não pela gente. Por exemplo, vamos usar a ficção para pensar isso. Tem uma novela antiga em que ocorre a contaminação das pessoas pela poliomielite. Na narrativa, vão surgindo culpados, primeiro é o judeu, depois o italiano, até chegar a um personagem que é deficiente mental (expressão utilizada no contexto da novela) que tocava, beijava e abraçava as pessoas, então passa a ser o culpado. Toda a novela acontece na busca incessante por quem é o culpado. É na docência, talvez, tenhamos que parar de procurar o culpado pela não aprendizagem, e nos ocupar pela responsabilidade do ensino.

Sinto que a formação é inespecífica e é geral no começo. Na última parte, vai se tornando algo específico, vai para muitos caminhos, vai abrindo e abrindo. Estou me cultivando coletivamente, cultivo é inespecífico. Porque qualquer lugar do mundo vai direto ao ponto, não vai para o geral primeiro. As carreiras, do ponto de vista do tempo de formação, estão tendo que ser cada vez mais curtas e rápidas.

Há vinte anos, participei de uma formação de professores: cinco especialistas, que giravam em arquibancadas. Em uma das voltas, era para falar com dez mil pessoas, imagina só, para dez mil, sobre a educação para cegos. Tinha um cartaz “aqui, sistema braillio”¹³. Fui embora.

¹³ Mantivemos a escrita incorreta como Skliar nos contou que estava escrito no cartaz. O correto é o

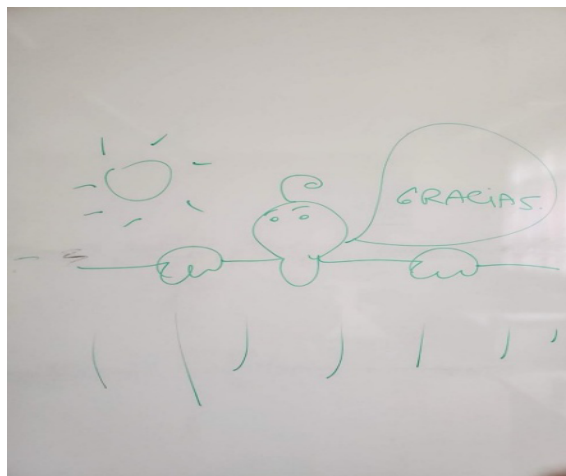
Temos que expressar nosso cansaço com algumas ideias. Não podemos mais silenciar quando ouvimos “tenho quatro alunos de inclusão”.

Parar de fazer de conta que a questão está resolvida ou ainda compreendida, mas colocar o assunto em pauta para abrímos a conversa.

O ensino, quando pensamos a inclusão, não pode ser tudo ou nada, precisa discutir isso, porque não é branco ou preto, precisamos encontrar matizes. Tem limites? Sim, elas existem, por isso é preciso conversar em comunidade. A questão primeira da inclusão para mim envolvia, por exemplo, uma criança que tem uma escola na frente ou perto da sua casa não deveria andar quarenta quilômetros porque tem uma escola especializada para ter acesso a escola. A partir do acesso à escola comum, os problemas são pedagógicos como comunidade (uma questão de todos) e não como a professora (individual). A inclusão não pode ser o azar de quem te toca, ou seja, quanto menos ela dependa do individual melhor, precisa ser uma decisão coletiva.

Temos um longo caminho a percorrer. Assim, deixamos o convite para que você, leitor(a), possa flunar por este texto, ou seja, ser um “leitor andante” que deixa as palavras andarem e habitarem sua existência. O caminho pode ser como uma linha. E o que ele vai lhe contar, assim como a linha que compõe um desenho, é o que está no meio, o que queremos saber, normalmente, não está nem no começo, tampouco no fim, está no meio de alguma coisa. Skliar, ao se despedir de nós, deixou algumas linhas tracejadas no quadro, que guardamos em registro fotográfico, assim como guardamos em nós suas palavras e presença.

Figura 04 – Despedida em linhas



Fonte: Acervo da doutoranda.

Ao guardá-las, queremos dizer que corporificamos essa experiência. Nosso corpo é morada para aquilo que nos afeta. No corpo-território, mapeamos marcas visíveis e tantas outras invisíveis daquilo que nos acontece. São marcas que fundam quem estamos sendo: artesãs que acreditam no recomeço, sobretudo, no nosso. Ao término desse encontro, entendemos que, ao nosso lado, há um (ou mais) artesão(s) que desacredita(m) no gesto de recomeçar. Assim como as estações tornam a acontecer todos os anos, devido a sua natureza cíclica, talvez, o que Skliar deixou em nós tenha sido a consciência de que o mundo resiste às mudanças, e, talvez, tenhamos que aprender a olhar e a buscar os matizes de cada tempo histórico. Além de fazer outras (re)leituras e (re)escritas daquilo que lemos e escrevemos outrora. Uma escrita reflexiva e ao mesmo tempo sensível. Escrever uma narrativa que convida a abrir a pele e nos faça olhar para aqueles que estão ao nosso lado, considerando que cada um caminha neste mundo com diferentes responsabilidades.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2011.

SKLIAR, Carlos. *Narrar, pensar, escribir y educar en este mundo: la artesanía del recomienzo*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, AR: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2025. Libro Digital, ePUB.

VARGAS LLOSA, Mario. *A verdade das mentiras*. São Paulo, SP: Arx, 2004.